Dia 10 de junho de 2026

Palestra Magna: Crise do capital e suas implicações na educação: organização e lutas frente às contrarreformas educacionais

Palestrante convidado: Prof. Dr. Xabier Arrizabalo Montoro

Debatedores: Profa. Dra. Celi Nelza Zulke Taffarel (UFBA/UESC) e Prof. Dr. José Arlen Beltrão de Matos (UFRB)

SÍNTESE

Celi Nelza Zulke Taffarel[2]
José Arlen Beltrão de Matos[3]

[2] Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atuou como docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), destacando-se pela orientação de numerosas dissertações, teses e pesquisas. Possui ampla produção científica, com mais de 200 artigos e 70 livros e capítulos publicados. É pesquisadora de produtividade do CNPq, tendo exercido importantes funções de gestão acadêmica e coordenação de projetos voltados à Educação, Educação Física e Educação do Campo. Atualmente, atua como professora visitante da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

[3] Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), mestre pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e doutor em Educação pela UFBA. Atuou como professor da educação básica em Minas Gerais e atualmente é docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Desenvolve pesquisas e ações de extensão voltadas à Educação Física Escolar, formação de professores, Pedagogia Histórico-Crítica e Reforma do Ensino Médio.

A proposta de trabalho para este momento foi abrir o *II Seminário Nacional e o I Seminário Internacional da REDAP*, com a mesa "Crise do capital e suas implicações na educação: organização e lutas frente às contrarreformas educacionais", em que tivemos a exposição do professor Xabier Arrizabalo Montoro da Universidade Complutense de Madrid, tratando do Capitalismo e a Economia Mundial e suas determinações na Educação.

Enquanto mediadores, com o intuito de situar o professor Xabier Montoro em relação à realidade educacional concreta em nosso país, e provocar o debate entre os participantes, apresentamos dados históricos e conjunturais a serem considerados nas análises supra e infraestruturais que permitem não somente constatar, mas explicar e propor ações superadoras.

Expusemos, portanto, elementos históricos sobre a luta anti-imperialista, antiescravista, antirracista, antiescravagista dos mais de 400 anos no Brasil, até o atual sistema da financeirização da economia, o qual atua determinando os rumos da Educação no Brasil. Nesse sentido, diante da tendência de queda da taxa de lucro no país (Pinto *et al*., 2017; Marquetti *et al*., 2022), destacamos que após o golpe jurídico-parlamentar-midiático que destituiu a presidente Dilma Rousseff (2016), ocorreram a aprovação da reforma trabalhista, da reforma previdenciária, um conjunto de privatizações e o aprofundamento da uberização no mercado de trabalho, fatores que concorreram para a redução do valor da força de trabalho e a piora da condição de vida do povo brasileiro.

De modo associado, observamos o esforço em realizar reformas também no campo educacional, patrocinadas por setores empresariais, notadamente as contrarreformas do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017 e Lei nº 14.945/2024), a instituição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o avanço da militarização das escolas, as quais resultaram em estreitamento curricular e rebaixamento da formação.

Ao mesmo tempo, é possível constatar a introdução do ideário e de processos próprios do mundo empresarial, bem como a substituição de conhecimentos de áreas científicas e filosóficas consolidadas pelo desenvolvimento de competências socioemocionais, com forte filiação às ideias neoliberais. A título de exemplo, o novo componente curricular do Ensino Médio "Projeto de Vida" - que segundo o Movimento Todos Pela Base deve favorecer o desenvolvimento da determinação, do esforço, da autoeficácia, da perseverança e da autoavaliação, em vez de compreender as contradições sociais que afligem os jovens. Na primeira versão do Novo Ensino Médio (NEM), tal componente ocupou carga horária maior do que Sociologia e Filosofia em 24 entes da federação, e nos outros 3 estados a carga horária era apenas igual (Bahia; Minas Gerais e Pará).

Desse modo, inferimos que, por um lado, se intensifica a exploração e a espoliação em nossa sociedade e, de outro, expandem-se os mecanismos que visam adaptar os sujeitos ao modo contemporâneo de produção, além da disseminação de ideário que justifique essa situação. Portanto, percebe-se que há nexos e relações entre o atual sistema de financeirização e a tendência à privatização, à militarização e à financeirização da

Educação, movimento já denunciado por autores como Freitas (2018).

No âmbito teórico, verifica-se, igualmente, a ampliação de perspectivas pós-modernas e neoliberais na formação de professores, acompanhadas por um evidente recuo teórico, implicando na produção de conhecimento, na implementação de políticas educacionais, na formação de professores e no próprio trabalho pedagógico.

Diante dessas constatações, a nosso juízo, cabe à REDAP intensificar a produção de conhecimentos que explicitem essas constatações e ofereçam alternativas superadoras à classe trabalhadora, sem abrir mão de realizar ações que enfrentem, efetivamente, essas iniciativas destrutivas, seja no campo acadêmico-teórico, seja no campo político-institucional.

Por isso, impõe-se o compromisso de concluir as pesquisas em andamento e iniciar, imediatamente, novos estudos sobre os problemas que emergiram dos resultados alcançados até então. Para tanto, considerando a problemática enfrentada, somente pesquisas articuladas nacionalmente, construídas a partir de uma matriz comum, são capazes de oferecer respostas consistentes, que expliquem criticamente a realidade educacional brasileira, respeitando a diversidade dos sujeitos, dos territórios e das experiências educativas presentes em nosso país e construindo alternativas, para além do capital e do Estado burguês (Mészáros, 2002; 2005; 2022).

Por fim, consideramos que isso só será possível a partir de investigações rigorosas, radicais e de conjunto, desenvolvidas a partir de um método que seja capaz de explicar as múltiplas

determinações do seu objeto, motivo pelo qual reafirmamos a atualidade e a necessidade de adoção do materialismo histórico-dialético nas nossas pesquisas.

CRISE DE ACUMULAÇÃO CAPITALISTA E CONTRARREFORMAS NO BRASIL E NA ESPANHA: IMPLICAÇÕES NAS POLÍTICAS DE TRABALHO E EDUCAÇÃO

Xabier Arrizabalo Montoro[4]

Muito obrigado pelo convite[5]. Eu espero que o que eu falarei seja interessante para vocês, porque é importante o que vocês prepararam. Eu acho que o Evento é importante e, particularmente para mim, o tema. A questão da qual vocês desejam que eu fale tem uma importância hoje muito grande. Muito grande porque estamos num momento que não é um momento qualquer. Temos muitos problemas, muita agressividade por parte do capital e também por parte dos Estados.

Eu acho que a ideia de fazer uma conexão entre a crise do capital e as implicações na educação é um tema de primeiríssima importância. E, além disso, também a segunda parte, que é a questão da organização e das lutas frente às contrarreformas educacionais. Porque eu acho que muitas vezes nós falamos disso. Eu tive a oportunidade de estar com vocês em Ilhéus (BA) primeiro, depois em Salvador, em muitas conversações, muito trabalho compartilhado.

---

[4]Doutor em Ciências Sociais e integra o Departamento de Economia Aplicada, Estrutura e História da Faculdade de Economia e Administração - Universidade Complutense de Madrid, Espanha.

[5]Texto traduzido por Cledson Oliveira dos Santos, revisado pelo palestrante e por Cleisson de Morais Alves.

Para mim foi muito importante a ideia permanente de que não temos uma concepção das atividades acadêmicas que seja academicista[6], que fique esgotada no terreno da análise, mas que tenha uma intencionalidade. Uma intencionalidade muito combativa, porque nós temos um objetivo. E o objetivo é a emancipação da humanidade de todas as formas de opressão.

Então, falar do capital, da crise do capital, eu falarei de uma espécie de crise crônica do capitalismo e colocá-la em relação com a questão do ensino, que não é uma questão a mais, mas uma questão determinante. Como é que nós podemos falar de alguma maneira de democracia se não existe um acesso generalizado à educação, ao ensino? Se uma parte importante da população, em razão de determinantes econômicos, não tem nenhuma possibilidade de ter acesso ao ensino?

Então eu agradeço a proposta de poder falar justamente sobre essa conexão. Tentarei ser esquemático[7], colocar as questões mais importantes e depois, por suposto, nós podemos discutir, debater hoje e para sempre. Bom, qual é o ponto de partida? Nós estamos no ano de 2026 e cada dia constatamos a

[6] Para o autor, o termo **academicista** refere-se a uma concepção de academia centrada exclusivamente na produção e circulação de ideias, restrita ao campo da análise e da interpretação da realidade. Trata-se de uma perspectiva que tende a dissociar teoria e prática, reduzindo o conhecimento a um exercício intelectual sem compromisso efetivo com a transformação social.

[7] O termo aqui não é aplicado como superficialidade, mas sim uma exposição mais direta, em que os argumentos são apresentados em seus elementos essenciais, sem muitos detalhes ou aprofundamentos.

existência de elementos de barbárie[8]. Não é uma afirmação declarativa, não é uma loucura.

Nós conhecemos o que está acontecendo hoje na Palestina diante de uma atitude de passividade, no melhor dos casos, por parte dos governos. Nós sabemos que o verbo é muito duro. É o verbo caçar. A população palestina é vítima de um genocídio. É caçada. É caçada porque isto é uma expressão da existência de relações coloniais e neocoloniais[9] no marco do imperialismo, como uma fase histórica do capitalismo. A última fase. A fase na qual ficou constituído o capital financeiro, do ponto de vista de enormes massas de capitais concentradas sob uma mesma dominação, nas mesmas mãos.

E também o processo de finalização da conformação de um mercado mundial. Isto que nós falamos do ponto de vista teórico, a lei do valor, hoje atua mundialmente, com todas as contradições, porque também existem economias nacionais. Isso foi colocado por Marx e Engels em 1848[10].

---

[8] O autor utiliza a expressão para chamar atenção para fenômenos contemporâneos que revelam o agravamento das contradições sociais e das formas de violência presentes na sociedade atual.

[9] O colonialismo e o neocolonialismo podem ser compreendidos como expressões históricas de dominação e exploração. Enquanto o colonialismo, entre os séculos XVI e XVIII, fundamentou-se na ocupação territorial e na lógica mercantilista, o neocolonialismo, nos séculos XIX e XX, articulou-se à expansão do capitalismo industrial, consolidando formas de hegemonia econômica, política e cultural. Em ambos os casos, as populações locais foram frequentemente representadas como inferiores, justificando práticas de controle, expropriação e subalternização que deixaram marcas profundas na organização social, econômica e cultural dos territórios colonizados.

[10] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010. (Original publicado em 1848).

Eles falavam, e nós comentamos muitas vezes, da importância de compreender que o conteúdo da luta de classes é um conteúdo internacional, mesmo que existam formas particulares de manifestação em cada país. É preciso ver a forma pela qual historicamente a luta de classes foi desenvolvida em cada realidade nacional. Eu falei da Palestina, mas poderia falar também de outros territórios. Vocês sabem o que é o ICE (Serviço de Imigração e Alfândega dos EUA) nos Estados Unidos. É uma agência federal paramilitar que atua de uma maneira que não é compatível com as conquistas democráticas. Uma verdadeira ostentação de impunidade.

Vocês conhecem, no Brasil, o período de 1964-1985[11]. Eu conheço, nós conhecemos na Espanha, as ditaduras nas quais não existiam formas minimamente democráticas. Nem mesmo a democracia burguesa, com todas as suas limitações e também com os seus avanços. Isso hoje está sendo questionado. E vocês, como eu, veem imagens terríveis de pessoas, inclusive crianças com muitos poucos anos, que são caçadas, capturadas por homens armados, com seus uniformes, suas armas, financiados por orçamentos que passaram de uma dezena de bilhão para sete dezenas de bilhões ainda maiores.

Isto é importante para nós porque os recursos existem. A discussão é onde ele é colocado e qual é a prioridade de um governo. Um governo miserável, um governo criminoso como o

[11] O Brasil e a Espanha compartilham trajetórias históricas marcadas por longos períodos de autoritarismo ao longo do século XX. No caso brasileiro, esse processo se expressou na Ditadura Civil-Militar (1964-1985), enquanto a Espanha viveu sob o regime franquista entre 1939 e 1975.

de Trump[12]. A luta é a luta que se trava no interior da classe trabalhadora e também nas ruas. Foi por isso que eu parabenizei o título e o subtítulo que vocês escolheram. Capitalismo com rosto humano, capitalismo bom. Mas qual é a realidade? Estamos no mês de junho de 2026 e já acumulamos mais de quatro anos de guerra na Europa, no coração do continente, em território ucraniano. Antes tivemos a guerra na Iugoslávia e, antes dela, tantos outros conflitos. Isso porque a guerra possui um caráter permanente no capitalismo.

Há uma frase muito emblemática de um dirigente histórico do movimento operário francês. Em 1914, Jean Jaurès[13] foi assassinado porque mantinha uma posição de oposição à guerra. Ele dizia que, da mesma maneira que nas nuvens existe o conteúdo da tempestade, no capitalismo existe o conteúdo da guerra. E um jovem da Ucrânia, numa conferência internacional realizada em Paris, em outubro passado, dizia: "Eu não tenho sequer a possibilidade de utilizar o transporte público porque posso ser capturado, enviado para a frente de combate, enviado para uma guerra com risco de morte, com risco de ficar incapacitado para toda a vida e com sérios problemas psicológicos".

[12]Donald John Trump é um empresário, personalidade televisiva e político norte-americano. Filiado ao Partido Republicano, é o atual presidente dos Estados Unidos

[13]Jean Jaurès foi assassinado em 1914 por defender uma posição profundamente pacifista e internacionalista. Diante da crescente tensão entre as potências europeias, ele se empenhou até os últimos dias para impedir a eclosão da Primeira Guerra Mundial, defendendo a solidariedade entre os trabalhadores de diferentes países, a ação política internacional e até mesmo a greve geral como forma de barrar o conflito.

E não são os filhos e as filhas dos oligarcas ucranianos[14] que são enviados para a frente de guerra. Já aqui na Espanha, na cidade onde moro, Madri, existe um bairro muito emblemático, Lavapiés[15], com muita população migrante. Um companheiro de origem senegalesa foi detido com extrema violência. Por quê? Porque sua pele é negra. Na França, hoje, mais de 90% das leis não têm origem no Poder Legislativo. Vocês sabem que essa ideia da separação de poderes e dos contrapesos institucionais não corresponde à realidade. Mais de 90% das leis são elaboradas ou impulsionadas pelo Poder Executivo.

Na Alemanha, hoje, pode ser considerado delito portar uma bandeira palestina. Não existe uma liberdade de expressão plena. Eu não sou maximalista[16]. Não coloco no mesmo plano a situação da Alemanha e a situação de El Salvador, que é uma ditadura aberta. Mas destaco aquilo que caracteriza a situação atual. Por isso considero muito pertinente a pergunta que vocês

[14]Os oligarcas ucranianos formam um grupo de empresários que acumularam enorme riqueza e influência política após a independência da Ucrânia, especialmente durante o processo de privatização da economia nos anos 1990. Ao longo das décadas seguintes, passaram a controlar setores estratégicos, como energia, mineração, siderurgia, bancos e meios de comunicação, tornando-se figuras centrais na vida econômica e política do país.

[15]Nas últimas anos, tornou-se um importante espaço de acolhimento para populações migrantes vindas de diferentes partes do mundo, especialmente da África, da América Latina e da Ásia. Essa característica fez do Bairro uma referência da convivência multicultural na capital espanhola, mas também um espaço onde se manifestam agressões relacionadas à imigração, ao racismo, à exclusão social e às intervenções policiais.

[16] O autor não defende posições extremadas ou voluntaristas, baseadas apenas em desejos ou palavras de ordem desconectadas da realidade concreta. Ao contrário, procura fundamentar suas análises nas condições históricas e materiais da sociedade.

colocam. Uma pergunta que está no centro das preocupações da maioria da população. Afinal, aquilo que desejamos são aspirações legítimas. Falamos muito sobre isso durante minha estadia na Bahia.

Mais alguns elementos. O Fundo Monetário Internacional não é uma instituição qualquer. Ele representa a expressão institucionalizada mais importante da dominação imperialista dos Estados Unidos, consolidada após 1945. E o Fundo Monetário Internacional, em seu mais recente relatório sobre a economia mundial, publicado em novembro de 2025, inicia sua análise com uma frase muito breve, mas extremamente contundente: "Nunca existiu um nível tão elevado de incerteza e instabilidade". Não somos só os marxistas quem afirmamos isso. São as próprias instituições do capital. Elas não conseguem ocultar nem disfarçar a instabilidade e a incerteza que caracterizam inevitavelmente o capitalismo. Essa instabilidade sempre esteve presente em sua lógica, mas hoje se manifesta de forma muito mais intensa, porque as contradições do sistema alcançaram um grau muito mais elevado de desenvolvimento.

Há também Jamie Dimon, principal dirigente do JP Morgan Chase[17], o maior banco dos Estados Unidos. Ele afirma que a situação atual é pior do que a que antecedeu a crise de 2007. E nós sabemos o significado daquela crise e todas as suas consequências. Portanto, vocês não cometem nenhum erro ao colocar a crise do capital como primeiro elemento para compreender a sociedade em que vivemos. Então, o fato é que

[17] Jamie Dimon ocupa o cargo de CEO do JPMorgan Chase e é reconhecido como uma das figuras mais influentes do setor financeiro mundial.

vocês, Celi e os demais camaradas não cometem um erro colocando a crise do capital como o primeiro elemento de contextualização da sociedade na qual hoje moramos.

A sociedade na qual hoje vivemos é a sociedade da crise do capital. O capital é uma relação social. Uma relação social de opressão que tem como fundamentação a exploração na sua forma capitalista: o trabalho não pago. O que aparece como trabalho pago é o salário. Vamos falar de salário porque vamos falar de ensino, de ensino público, de políticas públicas e das conquistas da classe trabalhadora, e da necessidade de que essas conquistas sejam garantidas. Conquistas que são salário indireto (ou salário histórico). Se, no caminho, isso é impossível de ser plenamente alcançado dentro do capitalismo, então o problema é a própria manutenção do capitalismo.

Nós não temos nenhuma posição maximalista. Temos uma posição consequente. Não faz sentido reivindicar que as pessoas tenham direito à educação, ao ensino, à saúde, à moradia, à alimentação, ao transporte e ao vestuário e, ao mesmo tempo, não discutir os meios concretos para tornar esses direitos efetivos. Então, por quê? Essa é a pergunta. Por quê?

Nós identificamos o problema, identificamos os sintomas. E podemos avançar um pouco mais, introduzindo outra categoria fundamental, sobre a qual tenho falado com vocês há mais de 12 anos, a categoria de forças produtivas. Já em *A Ideologia Alemã,* Marx e Engels (1845)[18] afirmavam que, em determinado estágio do desenvolvimento capitalista, as forças

[18]MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

produtivas transformam-se em forças destrutivas. Quando observamos os governos europeus, independentemente de sua coloração política, aceitando elevar os gastos militares para cerca de 5% do PIB e destinar parcelas crescentes dos orçamentos públicos à guerra, estamos diante de uma escolha com consequências concretas. O gasto militar não representa desenvolvimento das forças produtivas. Representa sua negação. Representa destruição.

O mesmo acontece com as crises econômicas, com a destruição ambiental (por exemplo da Amazônia) e com a desvalorização da força de trabalho. Também por isso a questão das migrações é tão importante. Os migrantes são nossos irmãos e irmãs de classe. Tudo isso constitui destruição de forças produtivas. Não se trata de exagero. Existem inúmeros dados, provenientes de fontes oficiais, que permitem caracterizar com precisão a situação atual. Nós temos muitos dados. Eu dizia a vocês que escrevi um texto reunindo dados e fontes oficiais que nos permitem caracterizar com precisão a situação atual[19]. Então, por que acontece isso? Por que chegamos a esse quadro?

Existem debates legítimos, naturalmente, mas temos uma exigência metodológica. Não se trata de opiniões ou preferências pessoais. Trata-se da necessidade de conhecer o nosso objeto de estudo: as sociedades humanas e sua trajetória histórica. Para isso, precisamos de método. E nós temos um método. Um

[19]MONTORO, Xavier Arrizabalo. Crisis crónica del capitalismo, dislocación del mercado mundial y destrucción de fuerzas productivas: ¿qué hacer? *In*: MONTORO, Xavier Arrizabalo. et al. (Orgs.). **El desarrollo desigual del capitalismo: ensayos desde la economía política**. Ecobook: Madrí, España, 2025.

método poderoso. Não é uma receita pronta, mas um instrumento capaz de nos oferecer os elementos necessários para construir explicações. As coisas não acontecem por acaso**.** Os problemas não acontecem por casualidade. Eles existem porque há causas concretas que os produzem. Por isso, há um debate muito antigo e fundamental: o debate sobre as causas dos problemas sociais.

Muitas vezes, procura-se explicar esses problemas como se estivessem relacionados apenas a uma questão de gestão, como se bastasse uma administração melhor ou pior para resolvê-los. No entanto, essa visão é limitada. É *como os cavalos que usam antolhos para impedir que olhem para os lados*. Frequentemente nos apresentam apenas duas opções, como se fosse preciso escolher entre a peste e a cólera, ou é a peste ou é a cólera, não há alternativas.

Há alternativas. Então, há que entender que, no quadro da explicação dos problemas sociais, como no quadro de qualquer objeto de estudo, só há uma maneira de compreender, que é a ciência, o método científico. Não as superstições. Legítimas, eu sou partidário da liberdade de culto e que cada qual pratique e pague o seu culto. Mas não podemos ter nenhuma expectativa de explicar os problemas sobre a base de superstições.

É a ciência, é a concretização do método científico. Na linha das ciências sociais, tem que haver a consideração de como são os problemas sociais, a realidade social no seu movimento. E o que a caracteriza? O que a caracteriza é o conflito, é a contradição, é o movimento. Nós precisamos de um método que

tenha a capacidade de apreender, de captar, de compreender isso. Isso é um método dialético. Não é uma frivolidade, não é uma questão de gosto, não é uma questão ideológica. É uma questão científica. Nós precisamos de um método que possa captar a realidade da maneira na qual a realidade existe. E isso fica complementado por uma concepção do mundo e da história, que é a concepção materialista. Primeiro estão os fatos. Só os fatos, já os problemas compreensíveis podem ficar explicados. Sim. Por quê? Porque têm explicação. Porque não são apenas o resultado da casualidade, mas o resultado das causas que os provocam.

Há conexão entre causas e consequências, essa conexão é precisamente a nossa primeira tarefa, que não completa tudo, mas é a nossa primeira tarefa, é detectar, formular e compreender as conexões causais permanentes próprias do nosso estudo do capitalismo, as leis do capitalismo. Então, é importante que se coloquem políticas que são chamadas neoliberais, como si fossem o problema. Claro que é importante, tudo é importante. Mas por que elas são colocadas? É uma aproximação idealista, superficial, pensar que tudo depende de tal economista ou de outro que tenha mais ascendência. Não é isso. A concepção materialista da história permite-nos entender que são os interesses que, no quadro dos anos finais dos anos 1970 e 1980, com toda a profundização da crise, exigem que as conquistas sociais sejam liquidadas. E, para isso, é uma boa propaganda afirmar que o Estado é ineficiente. É propaganda. Não podemos tomar isso como um argumento sério.

Eu fui educado na melhor tradição, que é a tradição verdadeiramente marxista, onde o debate deve ser livre. O debate é livre, rigoroso e tem como ponto de partida os fatos. Então, falemos da origem da política econômica. Há pessoas que podem pensar seriamente que tudo acontece porque alguém foi eleito e decidiu aplicar determinada medida. Essa não é a história real. A história real é que o motor da história é o conflito entre os sujeitos que protagonizam cada tipo de sociedade. As classes sociais, a luta de classes. A luta de classes não é, em primeira instância, um conteúdo ideológico ou político. É a constatação de que existe trabalho não pago. Essa é a fonte do excedente no capitalismo: a mais-valia, que é o lucro.

O lucro não caiu do céu. O lucro é trabalho não pago. Quando um capitalista morre ou se aposenta, se é que podemos utilizar essa palavra, o que ele deixa como herança para os seus herdeiros? Trabalho não pago acumulado durante anos e anos. Não existe outra fonte de riqueza além do trabalho vivo. É por isso que falamos de luta de classes. É por isso que devemos compreender que a política econômica não é a chave determinante. A chave determinante é o desenvolvimento da luta de classes.

Primeiro devemos olhar para o processo de acumulação. Ali encontraremos os determinantes de uma ou de outra política econômica. É por isso que o capital atua normalmente de forma bastante eficaz e utiliza seus meios de pressão sobre os governos. A pergunta fica do nosso lado. Quando temos a intenção de conquistar nossas reivindicações apenas no terreno dos palácios e dos parlamentos, cometemos um erro. Não considero os

parlamentos irrelevantes. Pelo contrário, são um importante alto-falante. Mas as maiorias se constroem no nosso terreno: nas ruas, nas fábricas, nos centros de ensino.

Com todo o respeito, uma pessoa perseguida, uma pessoa que conheceu o que é a sinistralidade laboral[20], o presidente Lula... não é o temperamento de Lula que vai determinar o que acontece. O motor da história é a luta de classes. São os capitais multinacionais, é Trump representando o capital financeiro dos Estados Unidos, que exercem pressão sobre ele. E nós também temos de exercer essa pressão. E nós temos alavancas, instrumentos muito poderosos. Temos a greve. Vocês explicam isso muito bem. Sem nós, sem o nosso trabalho, não existe nada. Então, não é o neoliberalismo, não é Friedman[21]. Tudo isso importa. Mas o fato é que existem leis no capitalismo. E Marx chegou a uma conclusão teórica ao estudar o capital: o capitalismo é contraditório.

Os problemas não têm uma procedência externa ao capitalismo. São o próprio desenvolvimento normal, regular, embora repleto de irregularidades, do capitalismo. É isso que provoca as dificuldades. É uma lei, e não uma lei qualquer. Qual é o motor, a força impulsionadora da acumulação capitalista?

[20]A crítica do autor dirige-se à tendência de personalizar os processos históricos e sociais, atribuindo a indivíduos a responsabilidade pelos rumos da sociedade. Ao afirmar que não é o temperamento de Lula que determina o que acontece, mas sim a luta de classes e as relações de força presentes no capitalismo, o autor procura deslocar a análise do plano individual para o plano estrutural.

[21] O neoliberalismo surgiu para reformular o liberalismo clássico, defendendo mercados "livres" e intervenção estatal limitada. Consolidou-se com Hayek e Mises e, posteriormente, orientou políticas de privatização, austeridade fiscal e abertura econômica.

Qual poderia ser? É a rentabilidade, o rendimento do investimento, a taxa de lucro. Marx explicou que o capitalismo, onde a acumulação é realizada por capitais individuais, inevitavelmente produz dificuldades cada vez maiores. A taxa de lucro tem uma tendência descendente. Pode ser contrariada, mas de forma cada vez mais difícil.

Qual é o principal mecanismo para contrariar a pressão da queda da taxa de lucro? Aqui aparece a questão do ensino. O principal mecanismo é o aumento do grau de exploração. A jornada de trabalho divide-se entre a parte remunerada, recebida pelos produtores, pela classe operária, pela classe trabalhadora, e a parte que não é paga, que é a mais-valia, que é o lucro. O capital exige um aumento da taxa de mais-valia, um aumento do grau de exploração. Isso permite compreender por que surgem as contrarreformas educativas que vocês, muito acertadamente, colocam no centro do debate de hoje.

O trabalho vivo produz um valor que se divide entre a parte remunerada, destinada aos produtores, à classe operária e à classe trabalhadora, e a parte não remunerada, que constitui a mais-valia, isto é, o lucro. É aí que reside o núcleo do conflito. O capital exige permanentemente o aumento da taxa de mais-valia do grau de exploração, o que nos permite compreender por que as contrarreformas educativas ocupam lugar central nas discussões atuais.

Por quê? Porque a explicação não está no fato de os capitalistas serem pessoas más. Esse não é o ponto central da análise. A explicação encontra-se nas exigências do próprio processo de acumulação capitalista. É isso que nos permite

chegar à conclusão de que o capitalismo não é reformável, pois seus problemas não decorrem de uma determinada forma de gestão, mas da própria lógica de funcionamento do sistema. É o próprio capitalismo que exige o aumento contínuo do grau de exploração. Essa dinâmica provoca, de forma inevitável e cada vez mais contundente, a destruição das forças produtivas, as crises, as guerras, a degradação ambiental e a constituição de um gigantesco contingente de população excedente. Não excedente para nós, mas para o capitalismo.

Trata-se de mais que aquilo que Marx qualificava como exército industrial de reserva: um enorme contingente de força de trabalho ao qual os capitalistas podem recorrer sempre que necessitam ampliar a exploração do trabalho. Falamos anteriormente da companheira Cecilia Escobar[22], que explica com precisão o significado desse fenômeno nas migrações contemporâneas. Portanto, existem leis de funcionamento do capitalismo. Uma lei é algo que ocorre necessariamente, não algo circunstancial. Os problemas do capitalismo não são ocasionais; estão inscritos em sua própria lógica de funcionamento. Qual é, então, o ponto central? O capitalismo é contraditório. Suas

[22] O fenômeno migratório contemporâneo como um movimento ditado por estruturas de crise, marcado por deslocamentos compulsórios e forçados, em vez de migrações por mera livre escolha. Vide ESCOBAR, Cecilia (2025); *"Nuestros países no están diseñados para que quepamos todos": competencia capitalista y migraciones internacionales, la explicación estructural*, 8º congreso de Ciencias Económicas "Los retos del desarrollo" Universidad de Los Llanos (Unillanos), Villavicencio, Colombia. Disponível em: https://www.institutomarxistadeeconomia.com/wp-content/uploads/2025/11/Competencia-capitalista-y-migraciones-internacionales_Cecilia-Escobar-Oct.-2025.pdf.

contradições tornam-se cada vez mais agudas e intensas. E a resposta do sistema, diante delas, é sempre a mesma: mais precarização.

Sim, existem leis que regem o funcionamento do capitalismo. Os problemas do capitalismo não são acidentais; estão inscritos em sua própria lógica de funcionamento e são inerentes ao sistema. Estamos em 2026 e todos nós sabemos que a humanidade possui capacidade produtiva mais do que suficiente para garantir alimentação, transporte, moradia, vestuário, ensino, saúde, lazer para toda a população mundial. Do ponto de vista da produtividade do trabalho, isso é perfeitamente possível. O que impede sua realização não é a falta de recursos, mas as exigências do próprio capitalismo. A lógica da rentabilidade, que move o sistema, é incompatível com a satisfação universal dessas necessidades. Uma lógica que leva a destruição das forças produtivas.

Não se trata de alarmismo. Quando falamos em barbárie, estamos nos referindo a fatos concretos. Não afirmo que as coisas podem vir a dar errado; constato que elas já estão dando errado. Muito errado. Sobretudo para as grandes maiorias da população, ainda que de forma mais intensa em alguns países do que em outros. As conquistas sociais são constantemente questionadas, inclusive nas economias historicamente mais desenvolvidas, as economias imperialistas. Isso ocorre porque essas economias imperialistas se beneficiaram, durante muito tempo, da apropriação do trabalho não pago produzido nas economias dependentes e colonizadas.

Esse processo possui um desenvolvimento histórico determinado. Por isso desde o marxismo ficou formulada a teoria do imperialismo. Não se tratava de uma opção entre várias opções possíveis, mas da compreensão de uma tendência inerente ao próprio desenvolvimento do capitalismo. A concentração e a centralização do capital, a formação do mercado mundial, a integração de praticamente todo o planeta à lógica capitalista e o controle dos territórios pelas grandes potências conduzem inevitavelmente ao imperialismo e ampliam as tensões sobre as forças produtivas. Diante desse quadro, vale perguntar: em que momento histórico estamos vivendo? O que caracteriza a situação atual é a sucessão contínua de crises, sem que entre elas existam períodos ou fases que possam ser considerados verdadeiramente expansivos. O que ocorreu, na prática, foi a superação da antiga ideia dos ciclos econômicos pelos próprios acontecimentos históricos.

O que observamos é uma sequência de crises e uma resposta do capital que permanece essencialmente a mesma: mais ajustes. Falo do ajuste permanente porque não se trata de uma política de choque aplicada em um momento específico, mas de uma estratégia contínua, mantida ao longo do tempo. Esse ajuste é a forma pela qual o capital procura responder às suas crises. No entanto, essa resposta não resolve as contradições existentes. Pelo contrário, acaba conduzindo a economia mundial a crises ainda mais profundas e agudas. Como podemos denominar esse processo? Imperialismo. Não se trata de liberalismo, neoliberalismo, monetarismo ou financeirização.

Trata-se do imperialismo como expressão histórica do desenvolvimento do capitalismo.

Por isso considero pertinente falar em uma crise crônica do capitalismo. Quando vocês falam em crise do capital, estão se referindo a algo semelhante à condição de uma pessoa acometida por uma doença permanente, irreversível, que não pode ser curada. A metáfora ajuda a compreender a situação atual. Ao falarmos de uma crise crônica do capitalismo, não estamos afirmando que não possam existir movimentos conjunturais, oscilações ou períodos de recuperação parcial. O que estamos afirmando é que toda expectativa de um novo ciclo de expansão da acumulação capitalista capaz de recuperar e ampliar as conquistas sociais entra em choque direto com a realidade histórica. A crise deixou de ser um fenômeno episódico para tornar-se uma característica estrutural do próprio funcionamento do sistema. É justamente por isso que as respostas oferecidas pelo capital aparecem continuamente sob a forma de ajustes, reformas regressivas que aprofundam o aumento da exploração do trabalho.

No capitalismo não há saída. Podem existir movimentos, mas toda expectativa de um novo desenvolvimento da acumulação capitalista compatível com recuperar e estender conquistas sociais choca frontalmente com a realidade. Quando falo de elementos de barbárie, hoje, quando a Organização Mundial da Alimentação fala de quase 800 milhões de pessoas que passam fome, isso não é uma loucura. Não é uma loucura quando nós conhecemos os dados que estão hoje colocados na discussão. Então, qual é a conclusão que, para a nossa discussão,

é mais importante? O mais importante é que a exigência de aumentar o grau de exploração da classe trabalhadora faz parte constitutiva da acumulação capitalista.

Não é uma questão de dizer que Trump é um criminoso. Sim, é, mas essa não é a explicação. A explicação está numa lógica, porque Trump e por que agora. É isso que nós tentamos compreender mediante a aplicação de um método, o método marxista e a dialética, sob a compreensão do caráter materialista da história. Não existe a possibilidade de um capitalismo que não precise aumentar o grau de exploração. Não é possível. A exigência de aumentar o grau de exploração da classe trabalhadora está ligada diretamente à principal lei do capitalismo: a lei da rentabilidade, da taxa de lucro.

E nós não podemos compreender o que acontece com o ensino, nem aquilo que vocês colocam muito bem no título, as contrarreformas educativas, sem compreender essa lógica. Eu acho que pode ser útil combinar as palavras aspiração e reivindicação. A população tem legitimamente aspirações que correspondem às possibilidades materiais existentes. As pessoas não aspiram a voar; aspiram à alimentação, à moradia, ao ensino, à saúde, ao transporte, à roupa, a um emprego em condições dignas. São aspirações legítimas que se concretizam sob a forma de reivindicações.

Diante disso, torna-se central a seguinte questão: Como se constituiu historicamente o movimento operário? A classe explorada adotou formas políticas, como os sindicatos, os partidos e outras organizações, sobre a base de programas de reivindicações que expressavam as aspirações sentidas por ela.

Falamos, por exemplo, das aposentadorias. A classe trabalhadora sentia na própria pele a necessidade de não ter de trabalhar até o último dia da vida para poder comer até o último dia da vida. Primeiro existe a aspiração e depois a reivindicação. As mutualidades, posteriormente a seguridade social, foram conquistas da classe operária. O fato de uma pessoa, depois de trabalhar 35 ou 40 anos, ter direito a um rendimento para o restante da vida é uma conquista.

Da mesma forma, a classe trabalhadora sentiu a necessidade da cultura, de ser alfabetizada, de saber ler, escrever e fazer contas. Para quê? Para poder desenvolver-se, para compreender um contrato de trabalho, entender o pagamento recebido ao final do mês e compreender os preços das mercadorias que compra para viver. Mas não apenas isso. Também para ter acesso à cultura humana, ao conhecimento do mundo, da realidade, da física, da química e da história. Por isso, a aspiração legítima ao conhecimento e à cultura transforma-se na reivindicação de uma política pública: o ensino público. Porque o mercado nunca garantirá o acesso ao ensino e à cultura. O mercado coloca preço nas coisas. Portanto, não se trata de direitos, mas de mercadorias.

A classe operária, organizada politicamente, reivindica acesso à cultura, ao ensino e ao conhecimento. Reivindica o ensino público como o meio pelo qual qualquer pessoa possa ter acesso à educação independentemente da riqueza de sua família. Há 150 anos isso não existia. Em muitos lugares, quem tinha dinheiro podia estudar. Quem não tinha dependia da beneficência ou da caridade. Não era um direito. A classe

trabalhadora organizou-se, reivindicou e conquistou esse direito. De forma limitada, é verdade, porque não pode ser diferente dentro do capitalismo. Mas limitado não significa irrelevante. Todas as experiências revolucionárias, na Rússia, na China, em Cuba, na Nicarágua... colocaram a luta contra o analfabetismo como uma prioridade. Foi uma conquista que só pôde ser plenamente desenvolvida quando associada a processos revolucionários e à transição para outro tipo de sociedade.

Por isso, para nós, é muito importante compreender teoricamente o que é o ensino público. A política pública conquistada e arrancada ao capital é salário. É salário indireto. Não se trata da quantidade de dinheiro que cada trabalhador leva para casa ao final do mês, mas continua sendo salário porque faz parte da relação social estabelecida entre capital e trabalho. A existência do ensino público e da saúde pública, dentre outras, resulta de conquistas arrancadas pela classe trabalhadora à classe capitalista. São conquistas que aparecem como corpos estranhos dentro da lógica do capital. Por isso, quando reivindicamos direitos, não estamos reivindicando a sobrevivência do capitalismo. Estamos reivindicando a satisfação das aspirações legítimas da população. E sabemos que isso é incompatível com o capitalismo.

A defesa incondicional das reivindicações concretas é o caminho. E, se nesse percurso tivermos de nos libertar do capitalismo, o que será inevitável, será pela melhor das razões: garantir a toda a população o direito democrático elementar à educação, à saúde, à moradia, ao emprego, etc. Então, eu considero muito importante colocar esta questão. Qual é a

conexão entre essas duas dimensões? A resposta é que todas as conquistas obtidas pela classe trabalhadora no capitalismo não são permanentes. Elas estão constantemente em disputa. A luta de classes existe de forma permanente. Se fosse apenas uma questão ideológica, poderíamos dizer que em determinados momentos ela está mais presente e em outros menos. Mas não se trata disso. Trata-se de uma questão material: a divisão da riqueza socialmente produzida, a repartição do trabalho vivo, do produto social, da riqueza coletiva.

Por isso, as exigências do capital de aumentar o grau de exploração significam necessariamente reduzir os salários, particularmente o salário indireto, isto é, os direitos sociais materializados na educação pública, na saúde pública e em outras conquistas das quais estamos falando hoje. Essa é a questão central. Do ponto de vista do capital, torna-se necessário atacar essas conquistas. E o que fazemos diante disso? Vocês colocam muito bem no título do evento: resistência e mobilização. Muitas vezes ouvimos dizer que a classe trabalhadora está direitizada, que está integrada à ordem burguesa. Frequentemente essas afirmações funcionam como justificativas para quem não quer atuar politicamente. São formas de auto justificação: "Eu gostaria de lutar, mas a classe não acompanha".

Mas isso não corresponde à realidade. A consciência da classe não está previamente determinada. Ela resulta do próprio desenvolvimento contraditório da luta de classes. Por isso, aqueles que reivindicamos a melhor tradição das Internacionais Operárias, concretada hoje na IV Internacional, recordam uma

formulação: a crise da humanidade é a crise de direção política do proletariado. Não podemos responsabilizar a classe trabalhadora. É preciso perguntar por que, em determinados momentos, ela deixa de apoiar organizações que deveriam representá-la. Não será porque essas organizações deixaram de cumprir os objetivos para os quais foram criadas? Essa me parece uma questão evidente.

Diante dos ataques do capital, motivados pelas exigências da rentabilidade, a resposta necessária é a resistência. Gostaria de concluir com um exemplo da experiência europeia, especialmente da Espanha, porque ela ilustra essa realidade de maneira muito clara. Sempre e hoje ainda mais, a União Europeia é um mecanismo de disciplinamento, de subordinação às exigências dos Estados Unidos. Trump exige que os países dediquem 5% do PIB ao gasto militar, mais de 10% dos orçamentos. Os governos europeios aceitam e isso tem implicações. Significa imediatamente perguntar: qual é o conteúdo desse gasto? Para que serve o armamento? O armamento não satisfaz as reivindicações legítimas da maioria.

O melhor uso do armamento, normalmente, é ficar obsoleto. Se não fica obsoleto, é porque foi utilizado. E, se foi utilizado, é para destruir. Mas há outras implicações, porque isso é aritmética pura. Esse gasto militar não é compatível com as aspirações da maioria. O mercado nunca vai garantir o direito à educação. Nunca vai garantir o direito à saúde. Nunca vai garantir o direito à aposentadoria ou ao emprego em boas condições.

Esses direitos precisam ser conquistados, estabelecidos pela classe. É isso que está acontecendo hoje. Na Espanha, neste momento, há uma luta muito importante. No primeiro ciclo da educação infantil, para crianças de zero a três anos, trabalhadores e trabalhadoras estão em greve desde o dia 7 de maio de 2026. Já é mais de um mês de greve. Não é fácil. Eles reivindicam condições elementares. Aqui se fala em "rátios[23]", isto é, a quantidade de crianças por professor ou professora. Estão reivindicando quatro crianças por professora nas idades menores, seis crianças entre um e dois anos e oito crianças entre dois e três anos. Não são reivindicações loucas ou absurdas. São reivindicações legítimas. E o que dizem os governos? Dizem que não. Há um fundo econômico e material nessa recusa. Trata-se de decidir a que serão destinados os orçamentos. Também há uma greve desde o dia 11 de maio, hoje completando exatamente um mês, na Comunidade Valenciana, uma região da Espanha.

A greve ocorre por reivindicações elementares: reconhecimento do trabalho, redução da jornada para que o trabalho possa ser bem realizado, eliminação da burocracia desnecessária que consome o tempo dos trabalhadores. Essa burocracia retira tempo da função docente e pesquisadora, sobretudo na universidade. Ela não tem sentido do ponto de vista da realização do trabalho, mas representa simbolicamente a subordinação da classe. Você tem que apresentar relatórios, informes, uma vez, outra vez, repetidamente. Na universidade

[23]A palavra ratio é um termo em latim que significa razão, proporção ou relação entre duas coisas. No entanto, seu significado exato depende do contexto em que está sendo utilizada

onde trabalho, a Universidade Complutense, a maior da Espanha, há um corte orçamentário de 35%. A burguesia e os seus corifeus mudam os nomes todos os dias. Agora falam em "grupos espelho", que significa simplesmente fundir dois ou três grupos em um só.

Isso significa massificação, intensificação do trabalho docente e, sobretudo, a construção, na opinião pública, da ideia de que a universidade pública não é boa, de que boa é a universidade privada. Nas universidades privadas foram colocados massivamente capitais de grandes fundos de investimento dos Estados Unidos. O *BlackRock*[24], o mais grande do mundo, está na universidade espanhola, está na formação profissional, está na moradia, está em tudo. E os governos trabalham para eles. Esse é o problema.

Nós só podemos atuar a partir da mobilização. E isso é muito importante. Na Universidade Complutense estamos mobilizados (como resultado disso, o governo regional começou a recuar e a reconhecer algumas reivindicações no passado). Mais já foram fechados quatro mestrados, turnos de estudos, cursos, etc. A universidade queria alcançar o corte de 35% fechando e fechando. Hoje soube que, na Faculdade de Documentação, um desses fechamentos foi revertido. Pode parecer pouco, mas não é pouco, porque é real. Isso expressa que a mobilização serve, que vale a pena, que não é apenas

[24]A BlackRock é a maior gestora de ativos e fornecedora de soluções de gerenciamento de risco do mundo, administrando um volume que ultrapassa os 12 trilhões de dólares. Sediada em Nova York, a empresa atua como fiduciária global, operando com foco em investimentos, ETFs (Fundos de Índice) e soluções de crédito privado

testemunhal. É no nosso terreno que é possível conquistar. Em Valência, as mobilizações têm sido muito fortes.

O governo muda sua proposta a cada dia e vai incorporando concessões. Para nós, isso significa conquistas. Chegará o momento em que essa mobilização será encerrada, mas ela seguirá produzindo efeitos. Ela também tem um caráter didático e pedagógico. Mostra que somente atuando no nosso próprio terreno podemos conquistar algo. Não são migalhas. São conquistas.

Para finalizar, considero fundamental compreender a conexão direta entre a crise do capital, suas exigências, as contrarreformas educativas e o ensino como reivindicação. O ensino deve ser compreendido como direito efetivo, acessível a toda a população, ricos e pobres. Essa conexão é necessária não apenas para entender as contrarreformas, mas também para compreender que as reivindicações por ensino, saúde, aposentadoria, emprego, etc. são reivindicações de toda a classe trabalhadora.

Não dizem respeito apenas aos professores e professoras. Não dizem respeito apenas aos médicos, médicas, enfermeiros e enfermeiras. Dizem respeito ao conjunto da classe. Isso é fundamental. E o conjunto da classe inclui também os jovens, mesmo muito precarizados. Inclui também os migrantes, igualmente muito precarizados. São nossos irmãos e nossas irmãs. É essa, para mim, a discussão central. Depois da experiência de outubro de 2025, em Paris, neste mês de junho ocorrerá uma conferência em Londres com a mesma ideia: contra a guerra, contra o genocídio na Palestina, contra os cortes

orçamentários que impedem a realização dos direitos. É a mesma luta num contexto em que crescem os gastos militares. E esses gastos militares são apropriados sobretudo por empresas dos Estados Unidos, que controlam mais de 60% do mercado mundial de armas. Isso explica Trump.

É a lógica do capital da potência hegemônica, ao mesmo tempo profundamente contraditória e questionada por novos focos de acumulação de capital. Mas isso fica para outro dia. As comparações históricas são comparações, não identidades. Elas podem nos ajudar a entender processos, mas não oferecem explicações diretas. Nos anos de 1915 e 1916 realizaram-se duas conferências com poucas pessoas, mas extremamente importantes: a *Conferência de Zimmerwald*, na Suíça, em 1915, e a *Conferência de Kienthal*, no mesmo país, em 1916. Pareciam pequenas reuniões, mas foram o germe do combate à guerra. Um combate que começou como oposição à guerra e que acabou abrindo caminho para a perspectiva do socialismo, como demonstrou a experiência da Revolução Russa.

Não estou dizendo que a história se repete mecanicamente. O que estou afirmando é que o capitalismo só consegue oferecer mais miséria. E seu correlato político-institucional são formas cada vez mais fascistizantes. Hoje há uma luta muito importante no Peru, na Colômbia, em todos os países. A vitória de um candidato da extrema direita, admirador de Milei, Bukele e Trump, seria extremamente nefasta. Mas o triunfo de outros candidatos não resolveria os problemas. Sim importa par a construção de melhores condições para a luta da classe trabalhadora, que é o único meio para ganhar. Quero

destacar também a importância da questão migratória. A migração não é um tema secundário. É uma questão central. Na América Latina vocês realizaram, nos dias 27 e 28 de setembro, uma importante conferência na Cidade do México cujo lema era muito claro: pelo direito de migrar. Quem pode decidir quem tem ou não o direito de migrar? Migrar é um direito inalienável. As pessoas migram porque procuram condições de vida que lhes foram negadas pelo colonialismo e pela devastação imperialista. Esse é o nosso terreno de luta.

Para concluir, agradeço muito o convite. Considero uma grande virtude que este evento tenha colocado, no próprio título, a conexão entre a crise do capital e suas exigências. Poderíamos dizer que essa é uma defesa democrática elementar. Precisamos compreender que as contrarreformas são exigências do capital e que nossa posição deve ser inegociável: a defesa incondicional do direito à educação. Isso exige políticas públicas capazes de garanti-lo, porque o mercado jamais fará isso. Não há argumento que possa justificar o contrário. Nem o Fundo Monetário Internacional. Nem os grandes bancos privados. Nem a dívida externa. Nada disso pode se sobrepor ao direito legítimo da população à educação, à migração, à saúde, ao emprego, à moradia... Essa é a conclusão.

Vocês colocaram elementos fundamentais para essa reflexão. Lembro aqui de Galileu Galilei, que fez descobertas que confrontavam os dogmas da Igreja Católica. Foi condenado e ameaçado de morrer na fogueira. No último momento, para salvar a própria vida, declarou que havia se enganado. Mas, em voz baixa, acrescentou: “E, no entanto, ela se move”. Acho que

essa é uma metáfora perfeita para o que acontece hoje no mundo. Vemos isso, por exemplo, quando milhões de pessoas nos Estados Unidos saem às ruas para dizer "não" a Trump e afirmar que aspiram a outro tipo de sociedade. É isso que eu gostaria de compartilhar. Fico à disposição para continuarmos esse debate em outra oportunidade. Muito obrigado.